



Dilemas do lazer em áreas protegidas: o caso do Jardim Botânico de Brasília – JBB

Vanessa Sousa de Oliveira¹
Neio Lúcio de Oliveira Campos²

Resumo: A pesquisa em questão consiste no estudo da visitação a jardins botânicos. A finalidade é responder a duas questões: quais são as representações do lazer elaboradas por visitantes de jardins botânicos? como essas representações dialogam com as funções institucionais de jardins botânicos? Para tanto, propomos como estudo de caso a visitação espontânea ao Jardim Botânico de Brasília – JBB. O estudo de caso foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica, análise documental e aplicação de questionário aos visitantes espontâneos. Utilizamos a técnica da análise de conteúdo para identificar as representações dos visitantes sobre lazer e colocá-las em perspectiva com as funções institucionais de jardins botânicos. Como resultado, encontramos uma rica experiência de lazer pautada nas relações de sociabilidade, mas desconectada do papel social e histórico assumido pelos jardins botânicos contemporâneos.

Palavras-chave: Jardim Botânico de Brasília – JBB, Lazer, Visitação.

Dilemmas of leisure in protected areas: the Brasília's Botanic Garden (JBB) case

Abstract: The following research consists on the studies of visitation in botanic gardens. The purpose is to answer two questions: what are the representations of leisure elaborated by botanic garden visitors? how do these representations dialogue with the institutional functions of botanic gardens? To do so, we propose as a case study the spontaneous visitation to the Brasília's Botanic Garden (JBB). The study case was developed based on bibliographic research, documentary analysis and questionnaire application to spontaneous visitors. We use the technique of content analysis to identify the representations of visitors on leisure and put them in perspective with the institutional functions of botanic gardens. As a result, we find a rich leisure experience based on sociability relationships, but disconnected from the social and historical role assumed by contemporary botanical gardens.

Keywords: Jardim Botânico de Brasília – JBB, Leisure, Visitation.

¹ Doutoranda em Educação pela UnB (2018 - 2022). Mestre em Turismo pela UnB. Especialista em Educação Ambiental pelo SESC. Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UnB. E-mail: vanessita.fe.unb@gmail.com

² Professor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília – UnB (2018). Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003); Mestre em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1988); Graduado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (1982). E-mail: neiocamp@unb.br

Dilemas del ocio em áreas protegidas: el caso del Jardim Botânico de Brasília – JBB

Resumen: La investigación en cuestión consiste en el estudio de la visita a jardines botánicos. La finalidad es responder a dos cuestiones: ¿qué representaciones del ocio son elaboradas por visitantes de jardines botánicos? ¿cómo esas representaciones dialogan con las funciones institucionales de jardines botánicos? Para ello, proponemos como estudio de caso la visita espontánea al Jardim Botânico de Brasília – JBB. El estudio de caso fue desarrollado con base en investigación bibliográfica, análisis documental y aplicación de cuestionario a los visitantes espontáneos. Utilizamos la técnica del análisis de contenido para identificar las representaciones de los visitantes sobre el ocio y ponerlas en perspectiva con las funciones institucionales de jardines botánicos. Como resultado, encontramos una rica experiencia de ocio pautada en las relaciones de sociabilidad, pero desconectada del papel social e histórico asumido por los jardines botánicos contemporáneos.

Palabras clave: Jardim Botânico de Brasília – JBB, Ocio, Visitación.

1. Introdução

A busca pelo verde nas cidades revela-se nas diferentes facetas da valorização da paisagem, como a procura por parques e jardins. Fora das cidades, a visitação a unidades de conservação e outras modalidades de áreas protegidas se constituem em variações de um mesmo fenômeno: a valorização da natureza como lugar para vivências de lazer.

É por meio do lazer que os sujeitos usufruem das diversas modalidades de áreas verdes como parques, passeios, jardins e de mais uma variedade de tipos de áreas protegidas. A presença dos elementos naturais na cidade é uma constante. O contato com a natureza propicia conforto e bem-estar, satisfação psíquica e física.

Parques e jardins contam a história das cidades e das sociedades que os constituíram, assim como participam das transformações da vida urbana no contexto em que estão inseridos. Sua existência, permanência e reconhecimento como patrimônio cultural refletem o importante papel que assumem na produção de narrativas sobre a paisagem.

A visitação a jardins e parques configura-se em uma das expressões modernas da busca pela natureza na cidade. Popularizados a partir das reformas urbanas do século XIX, jardins particulares serviram de inspiração para a constituição de áreas verdes em diversos formatos: parques, passeios, bosques, praças, jardins botânicos e zoológicos.

Nesse contexto, os jardins botânicos são áreas protegidas que apresentam coleções botânicas abertas ao público com finalidades de educação, conservação, pesquisa, lazer e prestação de serviços ecossistêmicos (IUCN/BGCI/WWF, 1989). Estão localizados em centros urbanos, assumindo funções estéticas, ambientais e sociais.

Os jardins botânicos foram criados na Europa como escola de formação para médicos e boticários, que estudavam plantas para uso medicinal, agrícola, paisagístico e econômico – com foco na aclimação de espécies exóticas. Na América, aclimatavam exóticas e pesquisavam espécies nativas com potencial para inserção no comércio internacional (FELIPPE e ZAIDAN, 2008).

O desenvolvimento da ciência contribuiu para a desvinculação dessas atividades, que passam a ser desenvolvidas dentro de escolas próprias, separadas como disciplinas: Biologia, Medicina e Agronomia. O estudo científico das plantas – a Botânica – ficará a cargo dos jardins botânicos (IUCN, BGCS, WWF, 1989). Essas instituições serão tratadas como escolas e museus de ciência.

Hoje, os jardins botânicos assumem a função de interlocutores na conservação da biodiversidade do planeta. Adotam a pesquisa e a educação ambiental como estratégias para seu alcance. Assumem parcerias com diversas instituições, em colaboração com outras áreas protegidas, com sua vizinhança e diversos tipos de parceiros.

Os jardins botânicos possuem a missão global de conservar a diversidade biológica vegetal, pesquisa, monitorar e administrar a informação produzida sobre plantas, educar e conscientizar a sociedade para a importância da proteção à diversidade biológica das plantas (IUCN/BGCI/WWF, 1989).

Além de centros de estudo e pesquisa para a conservação da diversidade biológica vegetal e das relações ecológicas que as envolvem, os jardins botânicos atuam na recuperação de áreas degradadas, manutenção e conservação de áreas protegidas, educação ambiental, divulgação científica e como espaços de lazer nos centros urbanos.

Diante do complexo contexto que os envolve, há que se problematizar o papel da visitação na proteção e conservação de jardins botânicos. A produção de informações sobre seus visitantes e suas representações sobre lazer pode contribuir para aprimorar o diálogo entre público e instituição.

A investigação sobre lazer em áreas protegidas teve como objetivo geral o de investigar os significados atribuídos ao lazer em jardins botânicos, para compreender em que medida essas representações dialogam com suas funções institucionais. A coleta de dados foi realizada no Jardim Botânico de Brasília – JBB entre os meses de julho de 2017 e janeiro de 2018.

Três objetivos específicos foram definidos: 1. contextualizar as funções institucionais dos jardins botânicos no Ocidente e do JBB em específico; 2. identificar as representações

do lazer elaboradas pelos visitantes espontâneos; 3. analisar as representações do lazer dos visitantes espontâneos em perspectiva com as funções institucionais do JBB.

A pesquisa em jardins botânicos está tradicionalmente ligada à Biologia da Conservação e áreas afins. Quando desenvolvida pelas Ciências Sociais, foca nos estudos de formação de professores e de Educação Ambiental, com ênfase no público guiado. Existem poucas investigações com foco nos visitantes espontâneos.

A escolha do caso deve-se à pouca ocorrência de pesquisas no Jardim Botânico de Brasília - JBB com foco na visitação. Entre os anos de 2012 e 2016, houve a criação de novos espaços paisagísticos, ampliação da oferta de serviços e o crescimento exponencial do número de visitantes.

A pesquisa justificou-se por dar voz a esses visitantes, no intuito de aproximar a instituição de seu público. A produção de informações sobre a visitação espontânea contribui para o diálogo entre os objetivos institucionais do JBB e as expectativas da sociedade em torno de sua fruição.

Nesta pesquisa, visitantes espontâneos são aqueles que frequentam o local sem qualquer tipo de mediação entre a instituição e o público (MARTINS, 2006). Funções institucionais referem-se às atividades hegemônicas desenvolvidas nos jardins botânicos em determinado período histórico.

2. Fundamentação

O fenômeno do lazer é complexo, polissêmico, multifacetado e de grande significação para as sociedades contemporâneas. Como um valor consolidado, as vivências do lazer seguem presentes no cotidiano. É uma categoria fundamental para o entendimento da modernidade.

O lazer pode ser encarado como espaço de expressão das subjetividades, de produção de vínculos identitários, como uma compensação às rotinas estafantes e um fator a mais de alienação nas sociedades de massa ou como formador de ação e participação, experiência que contribui para a formação da cidadania.

Sob uma perspectiva psicológica, o ócio adquire o sentido de liberdade de escolha. Baseado na motivação dos sujeitos, o lazer é uma condição individual, experiência vivida e significada. É um fenômeno universal e atemporal, desvinculado do tempo e das condições sócio históricas de sua fruição. Lazer é atitude. A motivação é o interesse individual.

A vivência de ócio é uma experiência que nos ajuda a nos realizar, nos conhecer, nos identificar, nos sentir melhores, sair da rotina, fantasiar e recuperar o equilíbrio das frustrações e desenganos (Cuenca, 2003, p. 32).

O ócio é caracterizado como um estado de desobrigação. O estado de lazer é uma atitude diante da vida. O ideal clássico de ócio possui características intrínsecas a uma experiência de lazer. É uma esfera autônoma da experiência humana (GRAZIA apud BRUHNS, 2002).

O ócio se relaciona a vivências de satisfação e prazer. A percepção de felicidade é um componente fundamental na vivência do ócio, já que é fruto de livre escolha, uma conquista pessoal (CUENCA, 2003). O ócio é discutido a partir dos significados atribuídos pela experiência individual.

Em uma perspectiva sociológica, o lazer pode ser compreendido como uma esfera social alienante ou transformadora dos sujeitos. Independente da abordagem, o direito ao lazer é uma experiência reivindicada por todas as camadas sociais. *No direito ao lazer, é expressa uma nova forma de se reivindicar a dignidade humana* (CAMARGO, 1986, p. 100).

Os repertórios de acesso ao lazer distinguem-se por classe, condição social, limitação de tempo e motivação, diferenciando o lazer ativo como uma experiência das elites e o lazer passivo como das massas (PARKER, 1978). O lazer reproduz as estruturas de estratificação social.

O sentido do lazer na vida moderna está ligado ao consumo de massa (Gomes, 2008). Nas formas atuais de divertimento, o lazer está dominado pelo consumo, o que o caracteriza como uma experiência alienada (AQUINO e MARTINS, 2007). A transformação do lazer em objeto de consumo desenraiza as vivências locais, ligadas ao espaço e à cultura, tirando-lhe o sentido de pertencimento.

Mascarenhas (2005) acrescenta que a lógica econômica desenvolvimentista esvazia o lazer de qualquer conteúdo educativo, reflexivo ou potencial de formação, transformando-o em mercadoria, objeto, produto ou serviço atrelado à lógica da sociedade de consumo.

Por outro lado, Dumazedier (1999) defende o lugar do lazer como espaço de mudança nas relações entre o tempo social de expressão da subjetividade e os tempos sociais das obrigações, permeado por uma ética própria: equilibra as necessidades pessoais com as obrigações sociais.

Marcellino (2006) concebe o lazer como um ato político, que busca a autonomia do sujeito diante da estrutura. Por ser o espaço social de escolha dentro de possibilidades dadas, no lazer o sujeito vivencia a participação, uma das bases para o exercício da cidadania.

Para Gomes (2014), o lazer como dimensão da cultura humana, em diálogo com as demais esferas da vida social, pode contribuir ao questionamento e à resistência social, o que caracteriza o fenômeno como potencial experiência de ressignificação do sujeito na sociedade.

A característica comum que permite classificar diferentes atividades como lazer é o fato de existir certo grau de liberdade de escolha, um espaço legítimo de expressão da subjetividade, o que a difere de outras vivências. A busca do prazer é o princípio que move as escolhas pessoais referentes ao lazer (CAMARGO, 1986).

A atitude do sujeito, seu envolvimento, define o valor que o lazer terá em sua experiência pessoal: alienante ou transformadora. *Tanto a prática, como o consumo, poderão ser ativos ou passivos, dependendo de níveis de participação da pessoa envolvida* (MARCELLINO, 1995, p. 20).

Diante do impasse sobre o papel do lazer como esfera alienante ou fortalecedora da autonomia dos sujeitos, Cuenca (2003) aponta que a informação é um elemento chave para uma experiência autônoma de lazer na sociedade de consumo, pois é necessário adquirir repertórios de conhecimento que permita aos sujeitos fazer escolhas de qualidade.

Essa autonomia é construída por meio de ações que incentivem uma educação pelo e para o lazer. A World Leisure and Recreation Association - WLRA (1993) define a educação para o lazer como um processo de aprendizado contínuo, que incorpora o desenvolvimento de atitudes, valores, conhecimentos, aptidões e recursos de lazer (p.2, Item 4.3).

Educar pelo e para o lazer é reconhecer o fenômeno como uma instância de formação dos sujeitos, um direito a ser usufruído, que transpõe a experiência pessoal para se integrar e ser compartilhada no social, orientando vivências reflexivas, a fim de formar sujeitos capazes de refletir no seu espaço sócio histórico, com os repertórios a sua disposição, sobre as escolhas que faz.

3. Jardim Botânico de Brasília – O Jardim do Cerrado

O Jardim Botânico de Brasília – JBB é uma área protegida que tem por missão institucional a constituição e a manutenção de coleções botânicas, o desenvolvimento de pesquisa científica, educação ambiental e lazer, orientados para a conservação da biodiversidade, com enfoque no Bioma Cerrado (JBB, 2015). Por essa característica, a instituição se auto intitula ‘o Jardim do Cerrado’.

A área possui 526 hectares destinados à visitação pública, distribuídos entre coleções botânicas e paisagísticas, construções sustentáveis, trilhas ecológicas, hortas temáticas, auditório, bibliotecas, anfiteatro, equipamentos de lazer, restaurante, banheiros, salão para exposições artísticas e estacionamento (JBB, 2015).

A atuação do JBB está pautada nas estratégias internacionais para gestão de jardins botânicos, direcionada para a conservação dos ecossistemas no qual estão inseridos. O JBB é responsável pela administração da Estação Ecológica Jardim Botânico de Brasília – EEJBB, uma unidade de conservação de proteção integral, onde atua como zona de amortecimento³.

Ao receber seus visitantes, os jardins botânicos possuem a intenção de sensibilizar o público para a importância da conservação ambiental. A educação ambiental é uma missão mundial de jardins botânicos, sendo a sua faceta mais visível junto ao público (BGCI, 2015). As diretrizes para planejamento e atuação da Educação Ambiental no JBB estão estabelecidas no Programa de Educação Ambiental – PEA/JBB.

O PEA/JBB tem caráter não formal, é prioritário e reconhecido como elemento estruturante para a construção da identidade deste ambiente. Suas ações destinam-se no âmbito educativo à integração de saberes e participação social para proteção e conservação deste Jardim Ecológico (Brasília, 2010b, Tomo 6, p. 19).

A Superintendência Técnico-Científica do JBB é a área responsável pelo planejamento, coordenação e execução dos programas e atividades de Educação Ambiental. A Gerência de Educação Ambiental do JBB é responsável pelo atendimento a estudantes de escolas públicas e privadas, com a estratégia de utilizar o Cerrado como espaço de educação não formal.

O serviço de visitação do JBB está dividido em duas categorias: visitas orientadas e visitas autoguiadas (espontâneas). A visitação orientada é oferecida pela Gerência de

³ Zona de amortecimento: entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade (Lei nº 9.985/2000).

Educação Ambiental à escolas, instituições públicas, privadas e grupos organizados, com agendamento prévio, em grupos de 10 a 45 pessoas, de terça a sexta-feira, das 9 às 17h.

As visitas autoguiadas ou espontâneas não necessitam de prévia marcação para sua ocorrência. Não há acompanhamento aos visitantes fora do atendimento da Educação Ambiental. São visitantes espontâneos aqueles que frequentam o JBB sem fazer agendamento prévio, nos dias e horários abertos ao público.

Reconhecido como espaço de lazer na cidade de Brasília, o JBB vivencia um momento de expansão. Entre 2012 e 2016 novos espaços paisagísticos foram criados, a oferta de serviços foi ampliada e o número de visitantes aumentou em 60%, percentual baseado somente no registro de visitantes pagantes.

Em 2016, registros de bilheteria informam sobre a entrada oficial de 108.927 frequentadores, o que corresponde a uma média de 9.000 visitantes por mês. Não existe uma rotina de monitoramento da visitação, tampouco uma metodologia específica para a contagem do público não pagante. Quanto ao público pagante, não há como distinguir visitante espontâneo de visitante guiado.

Não há dados disponíveis sobre origem, idade, proveniência, frequência, conhecimento prévio sobre o JBB e sobre jardins botânicos em geral, se são residentes ou turistas. Devido à falta de sistematização desse campo, as metodologias são alteradas conforme a necessidade de realização de uma nova pesquisa de público (SILVA, 2017).

O JBB não possui um setor para acompanhamento da visitação espontânea em sua estrutura administrativa. Não existe uma área que faça a gestão das ações específicas para lazer. A estrutura da Educação Ambiental encontra-se vinculada apenas à visita guiada. Os visitantes espontâneos frequentam o local majoritariamente aos finais de semana, quando o Serviço de Visitação não funciona.

A ausência de dados sobre a visitação espontânea evidencia a importância de produzir pesquisas com foco nos visitantes, entender como se relacionam com a instituição e quais são suas demandas e expectativas acerca do JBB, além dos impactos decorrentes do aumento da visitação.

4. Metodologia

A abordagem metodológica adotada na investigação foi qualitativa de tipo exploratória. A opção pelo estudo de caso deu-se por conta de suas características como método de pesquisa: os fenômenos são investigados nas condições e circunstâncias em que

ocorrem e se refere à análise detalhada de um caso específico. O caso é uma unidade representativa do todo (YIN, 2015).

Para dar suporte à pesquisa, foi realizado um elaborado levantamento bibliográfico acerca do tema, seleção e análise de documentos, além da realização de observação direta. Para a identificação das representações, os visitantes foram entrevistados, selecionados por levantamento de amostragem não probabilística. A técnica da análise de conteúdo foi utilizada para a identificação das representações.

A pesquisa bibliográfica e a análise documental permitiram o mapeamento das funções institucionais de jardins botânicos. Permitiram também tornar visível a relação entre o ideal e o real, quando se trata de atender às diretrizes institucionais de jardins botânicos. A observação direta possibilitou observar a dinâmica dos visitantes na área de uso público, contribuindo para a elaboração e aplicação do questionário.

A técnica da análise de conteúdo foi usada para a identificação das representações. A análise de conteúdo tem por finalidade construir inferências. Os pesquisadores fazem seus dados dialogarem com bases teóricas, a partir de situações concretas, do contexto histórico e social de produção e recepção dos discursos.

A análise de conteúdo é constituída por três fases: leitura e seleção dos documentos; elaboração das unidades de análise/significado; elaboração das categorias de análise (MINAYO, 2004). Elas podem ser construídas a partir de elaborações teóricas como base ou partir da realidade empírica apresentada no campo de pesquisa. A segunda alternativa foi adotada nesta pesquisa.

Os visitantes foram abordados na área de visitação do JBB aos finais de semana, apresentados à pesquisa, convidados a participar e aqueles que se dispuseram, forneceram e-mail para contato. O questionário foi enviado a 223 visitantes, dos quais 84 responderam e 78 foram validados. O critério de validação foi a resposta a no mínimo 30 das 37 questões.

A opção para que os entrevistados respondessem o questionário após a visita e fora do espaço do JBB deu-se por dois motivos: maior disponibilidade de tempo e de reflexão; não atrapalhar o público durante sua visita, a fim de evitar resistência a sua participação na pesquisa. A plataforma de formulários Google foi utilizada como base para envio e armazenamento dos questionários.

As categorias de análise, construídas a partir das informações obtidas nos questionários, foram divididas em três tipos: *Eu, Visitante; JBB como espaço de lazer e*

Comunicação com o JBB. Os dados serão apresentados com base na frequência relativa, ou seja, nos percentuais de respostas que se repetem. As questões 14, 21, 35, 36 e 37 não apresentaram quantitativo significativo que justificasse sua sistematização.

Unidades de Significado que formam a Categoria de Análise *Eu, visitante*⁴:

- 1. Idade; 2. Gênero; 3. Escolaridade; 4. Local de residência; 5. Se você mora fora do DF, informe local de residência; 6. Ocupação/profissão; 7. Renda com base no salário mínimo de 2017; 8. Com que frequência vai ao JBB? 9. Costuma ir; 10. Meio de transporte que utiliza para ir ao JBB; 11. Com quem costuma ir ao JBB? 12. Como soube da existência do JBB?

Unidades de Significado que formam a Categoria de Análise *JBB como espaço de lazer*:

- 26. Por que você vai ao JBB? 27. Quais são os espaços de visitação do JBB que você conhece? 28. Para você, o que é um jardim botânico? 29. Qual a finalidade da existência de jardins botânicos? 30. O que você sabe sobre o JBB? 31. O que é lazer para você? 32. O que você faz nos seus momentos de lazer; 33. O que você faz durante sua visita ao JBB? 34. Quais são seus espaços preferidos do JBB?

Unidades de Significado que formam a Categoria de Análise *Comunicação com o JBB*:

- 13. Você procurou informação prévia sobre o JBB antes de fazer a visita? 14. Caso precisasse de informação, onde procuraria? 15. Você conhece o site do JBB? 16. Você conhece a comunidade do JBB no Facebook? 17. Você conhece a Carta de Serviços ao Cidadão do JBB? 18. Você conhece as normas de conduta para visitação ao JBB? 19. Você já utilizou a Ouvidoria do JBB? 20. Ao chegar, você recebeu algum material informativo ou recomendação para a visita? 21. Se sim, qual? 22. Como você tem acesso às informações sobre a programação de atividades e eventos do JBB? 23. Assinale quais das atividades e serviços desenvolvidos no JBB são de seu conhecimento; 24. Você já utilizou algum desses serviços ou participou das atividades?

⁴ Dados percentuais das questões 1 a 8, referentes ao perfil dos visitantes do Jardim Botânico de Brasília – JBB, foram apresentados no formato Pôster durante a 15ª edição do Congresso Mundial de Lazer (World Leisure Congress – WLO), que ocorreu entre os dias 28 de agosto e 1º de setembro de 2018 no SESC Pinheiros, na cidade de São Paulo, SP, Brasil.

Tabela 1 - Construção das Categorias de Análise.

Categoria de Análise	Descrição	Subcategorias de Análise	Unidades de Significado
Eu, Visitante.	Perfil dos visitantes do Jardim Botânico de Brasília – JBB.	1. Perfil socioeconômico 2. Relação entre sociabilidade e gênero 3. Dinâmica da visitação	Questões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12.
JBB como espaço de lazer	Identificar as representações dos visitantes acerca do JBB como espaço de lazer.		Questões 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33 e 34.
Comunicação com o JBB	Identificar como os visitantes se comunicam com o JBB.		Questões 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24.

4. Resultados e Discussão

A investigação teve por finalidade responder a duas questões: Quais são as representações do lazer elaboradas na visitação espontânea em jardins botânicos? Como essas representações dialogam com as funções institucionais de jardins botânicos? Ao inter-relacionar as representações do lazer dos visitantes com as funções institucionais do JBB, buscamos compreender como essas representações dialogam com suas funções institucionais.

4.1 Representações do lazer entre os visitantes espontâneos do JBB

O público espontâneo do JBB encontra-se na faixa etária de 31 a 40 anos de idade, compondo 53% dos visitantes. A presença feminina predomina com 59% de mulheres em comparação ao percentual de 41% de homens. As mulheres frequentam o JBB com amigos na proporção de 21% e com parentes também na proporção igual a 21%. Quanto aos homens, 21% deles visitam o JBB acompanhados por parentes, seguidos por 6,4% que informam estar na companhia de amigos.

Esses visitantes possuem alto grau de escolaridade, composto por 94% de graduados, dentre os quais 66% são pós-graduados, distribuídos entre as titulações de especialização (42,3%), mestrado (17,9%) e doutorado (6,4%). O perfil ocupacional é predominantemente de servidores públicos, no percentual de 52,6%. Profissionais liberais aparecem em segundo lugar, com 10,3% de respostas.

Quanto ao local de residência, 28,2% residem na Região Administrativa de Brasília – RA I, 11,5% na Região Administrativa do Jardim Botânico – RA XXVII, 11,5%, Região

Administrativa de Águas Claras – RA XX, 9% na Região Administrativa do Sudoeste/Octogonal e 7,7% na Região Administrativa de São Sebastião. Em suma, a maioria vive no Distrito Federal e mora fora da circunscrição do JBB.

Dentre os visitantes, 25% se encontram em sua primeira visita ao JBB, enquanto 26% visitam o local uma vez por semestre, 29% uma vez ao ano e 12% uma vez ao mês. Ao serem questionados sobre a motivação para ir ao JBB, 68% apontaram o lazer como a finalidade da visita.

O que os visitantes do JBB entendem por lazer? 35% apontam o descanso e o relaxamento como o significado do lazer, enquanto 27% enfatizam a ausência de obrigações/ócio/prazer e 16% vinculam lazer à sociabilidade.

O que fazem os visitantes em seus momentos de lazer? A convivência com amigos e família é a mais citada, com 21% de respostas, seguida por filmes, com 15%. A visita a parques é a terceira opção entre os visitantes, com 13% de preferência. Todas as opções apontadas pelos visitantes referem-se à sociabilidade como forma de fruição do lazer.

Os visitantes compreendem que jardins botânicos estão ligados à conservação de plantas e à preservação/conservação da natureza em geral, com 22% de respostas, cada. Quanto às finalidades de jardins botânicos, 39% apontam a preservação/conservação, 16% a pesquisas/estudos científicos, 12% lazer e 8% contato com a natureza.

Os visitantes apontaram o lazer como a finalidade de frequentar o JBB. Todas as alternativas de resposta combinam a opção lazer com as demais apresentadas. A área aberta de piquenique (88%) e o restaurante (74,5%) foram os espaços mais citados pelos visitantes, combinados com outros espaços ou sozinhos.

O que fazem os visitantes quando estão no JBB? 25% fazem piquenique, 21% interagem com amigos e familiares, 15% optam por passeios e caminhadas, 12% vão ao restaurante e 9% contemplam o lugar. Quanto ao conhecimento dos visitantes sobre o Jardim Botânico de Brasília - JBB em particular, as co-ocorrências foram organizadas por semelhança, sendo as mais frequentes: pouco (30%), lazer/turismo/visitação (17%) e preservação/conservação (18%).

Quanto aos espaços preferidos dos visitantes, 33% escolheram a área de piquenique, 16% optaram pelo Jardim Japonês, enquanto trilha e restaurante são citados na mesma proporção de 13%. O orquidário é apontado por 7% dos frequentadores.

Em suma, a maioria de seus visitantes espontâneos vive no Distrito Federal e mora fora da circunscrição do JBB no percentual de 80,8%. Ao pensar na regularidade de suas

visitas, em perspectiva com as modalidades de frequência disponíveis para escolha, os visitantes mais regulares são os moradores da RA Jardim Botânico. Nesse contexto, o JBB assume o papel de parque de bairro.

Entre os visitantes que responderam à pesquisa 66,7% dizem que não buscam informações sobre o JBB antes de fazer a visita. Em contrapartida, 33% dos frequentadores procuram informar-se sobre a instituição, seus espaços e serviços oferecidos.

Ao serem questionados quanto ao conhecimento de documentos normativos e à utilização dos canais de comunicação institucional tais como site, comunidade do Facebook, Carta de Serviços, Normas de Conduta, Ouvidoria Pública e material informativo, a maioria desconhece os documentos e/ou nunca utilizou quaisquer dos canais citados.

O acesso à programação de atividades do JBB ocorre por diversos meios. Entretanto, os visitantes que responderam a esta pesquisa informam não ter acesso prévio ao que ocorre no JBB, no percentual de 47,4% dos respondentes. Mais uma vez é a rede de relações pessoais que se sobrepõe a quaisquer mecanismos de divulgação, invisíveis aos visitantes.

Os visitantes apontaram ter conhecimento prévio acerca de várias das atividades desenvolvidas no JBB, com destaque para a visita ao herbário (46,8%), educação ambiental (25,3%) e gestão de coleções botânicas (21,5%). Sabem da existência desses serviços por contato com pessoas que fizeram visitas guiadas durante a semana.

Os visitantes espontâneos, que frequentam o JBB majoritariamente aos finais de semana, não têm acesso a esses serviços. A visita ao herbário e a visita guiada estão disponíveis apenas durante a semana. A visita às coleções acontece sem qualquer tipo de mediação.

4.2 O não-diálogo entre o JBB e seus visitantes

Jardins botânicos contemporâneos têm como funções institucionais a conservação, a pesquisa, o lazer e a educação para a sustentabilidade. São instituições que se propõem a ressignificar valores e atitudes da sociedade urbano-industrial, ao sensibilizar os sujeitos a repensar suas práticas sociais para com a natureza.

Esse processo é dialógico, mediado pela Educação Ambiental. É por meio da função institucional de educação que os jardins botânicos se mostram para a sociedade como instituições únicas. A função institucional de educar para a conservação atinge

apenas o público orientado/guiado do JBB. Não existem programas, projetos ou atividades desenvolvidas para o visitante espontâneo.

A função institucional de educar para a conservação por meio da Educação Ambiental atinge apenas o público orientado/guiado. Não existem programas, projetos ou atividades desenvolvidas para os visitantes espontâneos. O problema se repete em jardins botânicos de grande visibilidade.

As representações sobre o JBB mostram que há certo grau de entendimento de que os jardins botânicos são espaços de produção de pesquisa. Entretanto, não há nenhum acesso às rotinas da pesquisa que possam ser compartilhadas com o público. A função institucional de pesquisa e sua linguagem estão em toda parte do JBB. A interação com essa forma de saber, não.

Ao pensar o JBB como espaço de lazer, verificamos que os visitantes abordados nesta pesquisa possuem razoável conhecimento sobre o que é e qual é a finalidade dos jardins botânicos como ambientes de preservação, conservação e contato com a natureza e a diversidade botânica.

Os visitantes do JBB expressaram conhecer as atividades desenvolvidas como a visita ao herbário (46%), a gestão de coleções botânicas (21%), visita orientada da EA (26%), pesquisa (16%) e lazer (12%). Entretanto, não possuem acesso a esses serviços pelo fato de que só estão disponíveis ao público durante a semana.

Há algo que é claro entre os visitantes do JBB: a motivação para as visitas é o lazer. Os dados obtidos nesta pesquisa informam que os visitantes têm nas relações de sociabilidade o modo de fruir do lazer no JBB. Pronovost (2011) observa que a valorização das práticas ditas ativas, tais como as atividades culturais, esportivas e de interação social são as que prevalecem nos dias atuais.

Historicamente o lazer em parques e jardins esteve ligado ao ócio e à contemplação da natureza enquanto lugares de sociabilidade das elites. Com a democratização do acesso aos parques urbanos, a contemplação e a recreação encontram-se reunidas nesses espaços. Instituições híbridas como os jardins botânicos oferecem essas duas dimensões de vivência lúdica.

Ao delegar aos visitantes de final de semana o espaço desprovido dos elementos mediadores entre público e instituição, oferece-se a possibilidade da experiência contemplativa como única alternativa a ser vivida, já que a ausência de mediação nos espaços de visita impossibilita o acesso aos serviços mediados pelo JBB.

Entretanto, o que as representações mostram é que esses visitantes optam pelas interações sociais como elemento predominante da fruição do lazer no JBB, que ocorre por meio da interação social. É um espaço para aprimoramento das relações sociais, manutenção e fortalecimento de vínculos. Não sabemos se fariam outras escolhas, pois outras possibilidades não estão disponíveis.

O significado do lazer em jardins botânicos é a educação voltada para a sustentabilidade. Essa especificidade nos leva a concluir que a fruição do lazer em jardins botânicos está diretamente ligada a outros aspectos da vida, como a educação. Daí a íntima relação entre lazer e educação em jardins botânicos.

A conservação é função de diversas instituições como herbários, universidades, áreas protegidas de vários tipos, sociedades científicas, organizações não-governamentais e outras. Os jardins botânicos são laboratórios de experiências urbanas em educação para a sustentabilidade. Em jardins botânicos, é por meio do lazer que se educa.

O lazer como experiência pessoal viva e significativa acontece no JBB. O pleno desenvolvimento de suas funções institucionais encontra-se debilitado pelas limitações de comunicação e mediação da instituição junto a seu público. A fruição do lazer ocorre desvinculada das funções institucionais que caracterizam o JBB como um jardim botânico.

5. Considerações

Os visitantes do JBB apontaram que conhecem jardins botânicos e seu papel nos processos de conservação e educação para a sustentabilidade. Entretanto, não têm acesso aos serviços que o caracterizam como um jardim botânico. O lazer entre seus visitantes espontâneos é vivido e significado sem contato com os elementos estruturantes das modernas funções institucionais de jardins botânicos.

Essa limitação provoca o que chamamos de não diálogo entre o JBB e seus visitantes. A ausência de estrutura para a visitação espontânea, que corresponde à maioria do público frequentador – cerca de 76% - e ocorre aos finais de semana, frustra suas expectativas, já que eles têm conhecimento prévio sobre o que devem encontrar na visita, mas não está disponível.

A fim de costurar as vivências de lazer de visitantes espontâneos do JBB com suas funções institucionais, propomos uma educação pelo e para o lazer em jardins botânicos. Como objeto e veículo de educação, é pelo lazer que as ações da Educação Ambiental

ganham concretude nos jardins botânicos. Daí a importância de fortalecer esses mecanismos de diálogo entre público e instituição.

Para as áreas protegidas como um todo, e para os jardins botânicos em particular, torna-se fundamental encontrar as respostas para os dilemas que a relação entre lazer e conservação impõe a essas instituições: proteger para proteger, proteger para apreciar ou compartilhar o envolvimento e a responsabilidade de proteger?

Referências

AQUINO, Cássio Adriano B. e MARTINS, José Clerton O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, Vol. II, Nº 2, Set, 2007.

BRASÍLIA. JARDIM BOTÂNICO DE BRASÍLIA. **Plano Diretor do Jardim Botânico de Brasília**. Brasília, 2010 (b).

BRUHNS, Heloisa Turini (org). **Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

CAMARGO, Luiz Otavio de Lima. **O que é lazer?** São Paulo: Braziliense, 1986.

CUENCA, Manuel. **Ocio humanista, dimensiones y manifestaciones actuales del ocio** (Documentos de Estudios de Ocio, Num.16). Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ocio/ Universidad de Deusto, 2003.

DISTRITO FEDERAL. **Relatório de Prestação de Contas do Governador – SEPLAG/DF**, 2016. Disponível em: http://www.seplag.df.gov.br/images/planejamento_governamental/Relatorio_de_Atividades_2016_compressed.pdf

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. Trad. Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva – SESC, 1999.

FELIPPE, Gil e Z Aidan, Lilian Pentead. Do Éden ao Éden: jardins botânicos e a aventura das plantas. Editora Senac: São Paulo, 2008.

GOMES, Christianne Luce. Relações históricas – o processo de constituição do lazer no mundo ocidental. In: **Lazer, trabalho e educação**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Vol. 1, nº 1, Jan – Abr 2014.

IUCN-BGCS, WWF. Estratégias dos Jardins Botânicos para a Conservação/ Vernon H. Heywood, Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1989.

JARDIM BOTÂNICO DE BRASÍLIA. **Carta de Serviços ao Cidadão do Jardim Botânico de Brasília**, versão completa, 2015.

JARDIM BOTÂNICO DE BRASÍLIA <<http://www.jardimbotanico.df.gov.br/>>

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Estudos do Lazer: Uma introdução**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARTINS, L. C. **A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP**. 2001. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: tese acerca da anatomia do lazer**. Tese (doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Ed. Zahar, 1978.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à Sociologia do Lazer**. Tradução: Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac, 2011.

SILVA, Andressa de Araújo. **Jardim Botânico de Brasília: análise da relação do público espontâneo com o discurso e espaço expositivos**. 176fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Museologia) – Faculdade de Ciência da Informação. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2017.

WORLD LEISURE AND RECREATION ASSOCIATION – WLRA. **Carta de Educação para o Lazer**. Jerusalém, Israel, 1993. Disponível em http://www.saudeemovimento.com.br/conteudos/conteudo_exibe1.asp?cod_noticia=195 Acesso em 2 out 2018.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5ª Edição. Ed. Bookman, 2015.

Submetido em: 05-02-2019.

Publicado em: 30-04-2019.